

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Guaçatunga-Miúda
Casearia decandra

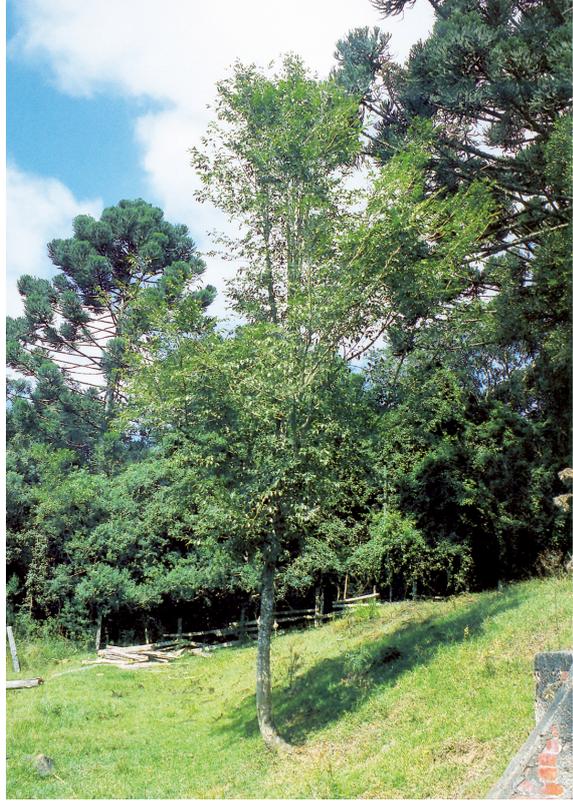
volume

4

Guaçatunga-Miúda

Casearia decandra

Irati, PR (Colégio Florestal)
Fotos: Paulo Ernani Ramalho Carvalho



Guaçatunga-Miúda

Casearia decandra

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o sistema de classificação baseado no *The Angiosperm Phylogeny Group (APG) II* (2003), a posição taxonômica de *Casearia decandra* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Angiospermae

Clado: Eurosídeas I

Ordem: Malpighiales

Família: Salicaceae – Em Cronquist (1981), é classificada em Flacourtiaceae

Gênero: *Casearia*

Espécie: *Casearia decandra* Jacq.

Primeira publicação: En. Pl. Carib. 21. 1760.

Sinonímia botânica: *Casearia parvifolia* Willdenow (1799); *Casearia floribunda* Briquet (1907); *Casearia albicaulis* Rusby (1927).

Nota: existe uma sinonímia considerável sobre essa espécie, disponível em Sleumer (1980).

Nomes vulgares por Unidades da

Federação: em Alagoas, brogogó; na Bahia, pau-vidro-branco; no Espírito Santo, agustinho

e café-do-mato; em Mato Grosso do Sul, café-de-bugre, cafezeiro-do-mato, guaçatunga e pururuca; em Minas Gerais, cambroé, canela-espeto, erva-lagarto, guaçatonga, pau-de-lagarto e pitumba; no Paraná, café-do-mato, canela-espeto, guaçatunga, guaçatunga-da-miúda, guaçatunga-preta, guassatunga e pau-de-lagarto; no Rio Grande do Norte, assa-peixe; no Rio Grande do Sul, cambroé, carvalinho, guaçatonga, guaçatunga, pitiá, terra-seca e vareta; em Santa Catarina, cafezeiro-do-mato, cambroé, guaçatunga, guaçatunga-branca e pitumba; e no Estado de São Paulo, cambroé, canela-de-veado, espeteiro, guaçatonga, guaçatonga-verdadeira, pau-espeto, pitumba e vidro-branco.

Etimologia: o nome genérico *Casearia* é em homenagem ao missionário holandês Casearius; o epíteto específico *decandra* vem do grego *deca* (dez) e *anér*, *andrós* (homem); a flor traz dez estames (KLEIN; SLEUMER, 1984).

Descrição Botânica

Forma biológica e estacionalidade: *Casearia decandra* é uma espécie arbustiva a arbórea, de

comportamento decíduo. As árvores maiores atingem dimensões próximas a 18 m de altura e 40 cm de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo), na idade adulta.

Tronco: é reto a levemente tortuoso. Geralmente, o fuste é curto, medindo até 5,5 m de comprimento.

Ramificação: é cimosa ou dicotômica. A copa é alta, paucifoliada a densifoliada; flabeliforme a arredondada.

Os ramos são finos e horizontais, lembrando os do bacupari (*Garcinia gardneriana*). Os raminhos são delgados, com as pontas pubérulas; as partes mais velhas são glabrescentes e cobertas com cortiça parda; e as extremidades são lenticeladas.

Casca: mede até 10 mm de espessura. A casca externa ou ritidoma é marrom, áspera, finamente fendilhada, apresentando descamação em forma de pequenas placas. A casca interna tem coloração creme, com textura arenosa e estrutura compacta e heterogênea.

Folhas: são simples, alternas, dísticas, de formato elíptico-lanceoladas até elípticas ou ovado-elípticas; o ápice é mais ou menos longo-acuminado, agudo, com base ligeiramente inequilateral, cuneada ou arredondada, inicialmente membranáceas e tornando-se escuras em estado seco; quando maduras, são cartáceas, até subcoriáceas e pardas quando secas, um pouco brilhantes em cima, geralmente glabras em ambas as faces, muito raramente pubescentes embaixo, laxamente pelúcido-punctadas e lineares, serruladas ou serreadas até crenadas; a lâmina foliar mede de 3 cm a 7,5 cm de comprimento por 1,5 cm a 3 cm de largura, com nervuras laterais e com 4 a 8 pares, longamente curvado-ascendentes, ligeiramente salientes em ambas as faces; a reticulação das veias e das veinhas é ligeiramente proeminente, até obscuramente saliente em ambas as faces; o pecíolo mede de 2 mm a 10 mm de comprimento; as estípulas são linear-subuladas, subglabras, medindo de 3 mm a 5 m de comprimento, e caducas.

Inflorescência: ocorre em fascículo séssil, pouco ou multifloral, geralmente nos nós desfolhados em brotos anótimos, surgindo com ou um pouco antes das folhas novas, com 10 a 15 flores (em cada inflorescência).

Flores: são brancas e exalam aroma forte e peculiar. O botão floral é elipsoide.

Fruto: é uma cápsula globosa, tricostulada, de coloração vermelha a alaranjada, muitas vezes luzente, glabra ou muito laxamente pilosa, medindo de 8 mm a 12 mm de diâmetro,

abrindo-se por três valvas; o pericarpo é fino-coriáceo. Cada fruto contém de 2 a 5 sementes.

Sementes: são ovoideo-compressadas, medindo de 4 mm a 5 mm de comprimento, apresentando testa lisa.

Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

Sistema sexual: *Casearia decandra* é uma espécie hermafrodita.

Vetor de polinização: essencialmente abelhas e diversos insetos pequenos (MORELLATO, 1991).

Floração: é explosiva e ocorre de maio a outubro, no Estado de São Paulo (TORRES; YAMAMOTO, 1986; MORELLATO, 1991); de julho a setembro, no Paraná (ROTTA, 1977; CARVALHO, 1980); de setembro a novembro, em Santa Catarina (KLEIN; SLEUMER, 1984) e no Rio Grande do Sul (BACKES; NARDINO, 1998); e de setembro a dezembro, em Alagoas.

Andreis et al. (2005) não observaram floração dessa espécie no Rio Grande do Sul, no período de 16 de novembro de 2001 a 10 de novembro de 2002.

Frutificação: o amadurecimento dos frutos ocorre de setembro a janeiro, no Paraná (ROTTA, 1981; CARMO; MORELLATO, 2001; MARTINS et al., 2004); e de dezembro a fevereiro, em Santa Catarina (KLEIN; SLEUMER, 1984) e no Rio Grande do Sul (BACKES; NARDINO, 1998).

Dispersão de frutos e sementes: principalmente zoocórica (por animais), destacando-se a avifauna, grande responsável pela larga dispersão dessa espécie (WIESBAUER et al., 2008). Também, encontrada na chuva de sementes na Floresta Ombrófila Mista, em Caçador, SC (CALDATO et al., 1996).

Ocorrência Natural

Latitudes: de 7°N em Honduras, a 31°S no Brasil, no Rio Grande do Sul. No Brasil, o limite Norte dá-se no Amapá, a aproximadamente 1°N.

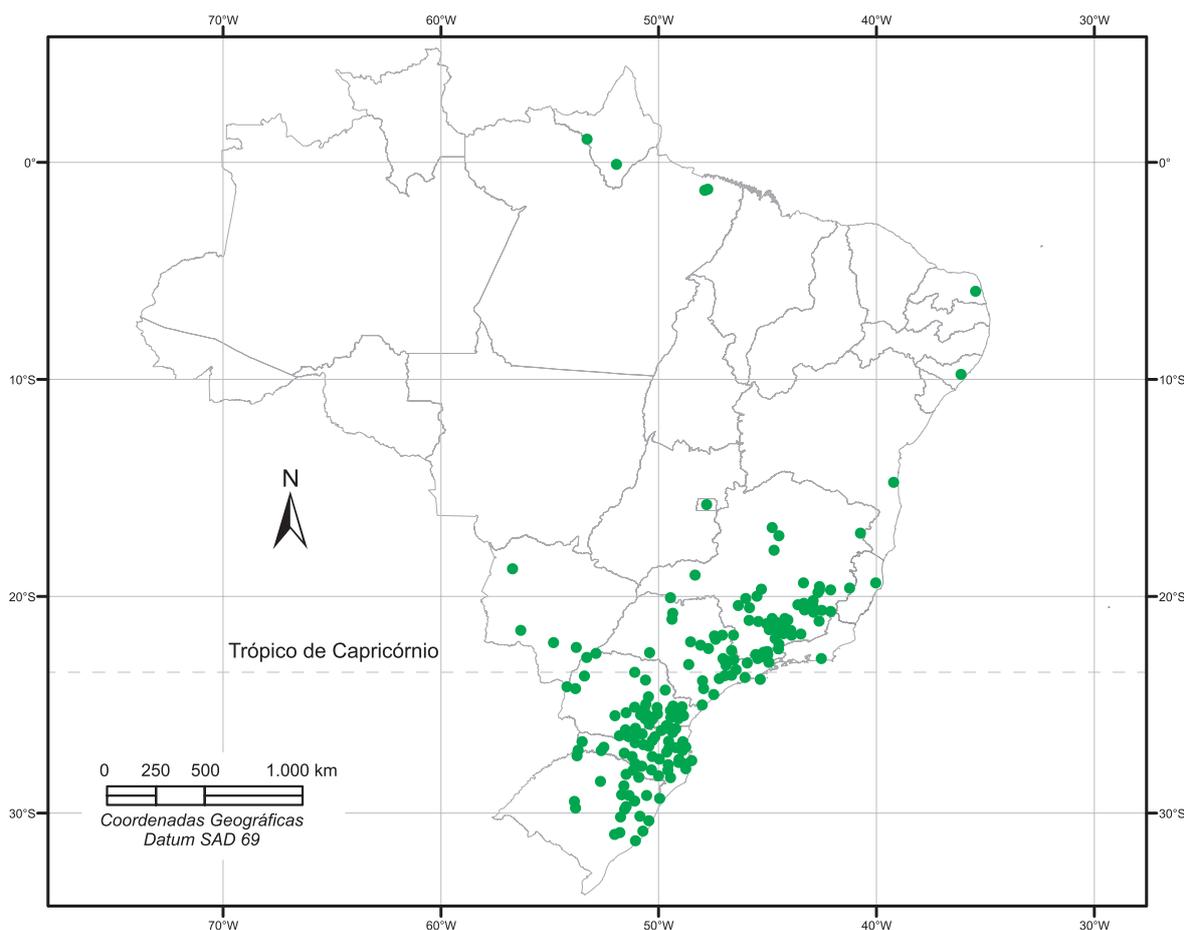
Variação altitudinal: de 10 m, em Santa Catarina, a 1.450 m, em Minas Gerais.

Distribuição geográfica: *Casearia decandra* ocorre nas Antilhas (SLEUMER, 1989), no extremo nordeste da Argentina (MARTINEZ-CROVETTO, 1963), na Bolívia (KILLEEN et al., 1993), na Colômbia, no Equador, em Guadalupe, no México, na Guiana, na Guiana Francesa, no Haiti, em Honduras, nas Ilhas Virgens, no

Panamá, no Paraguai, no Peru (WOODCOCK, 2000), em Porto Rico, na República Dominicana, no Suriname, em Trinidad e Tobago, no norte do Uruguai e na Venezuela.

No Brasil, essa espécie ocorre nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 27):

- Acre (SLEUMER, 1989).
- Alagoas (RIZZINI, 1976).
- Amapá (ALMEIDA et al., 1995).
- Amazonas (SLEUMER, 1989).
- Bahia (FERNANDES; VINHA, 1984; SLEUMER, 1989).
- Distrito Federal (PROENÇA et al., 2001).
- Espírito Santo (PEIXOTO et al., 1995; RIZZINI et al., 1997).
- Goiás (SLEUMER, 1989).
- Maranhão (SLEUMER, 1989).
- Mato Grosso (SLEUMER, 1989).
- Mato Grosso do Sul (LEITE et al., 1986; SALIS et al., 2004; BATTILANI et al., 2005; ARRUDA; DANIEL, 2007).
- Minas Gerais (CARVALHO, 1987; CARVALHO et al., 1992; GAVILANES et al., 1992; OLIVEIRA-FILHO et al., 1994; CARVALHO et al., 1995; GAVILANES et al., 1995; VILELA et al., 1995; DRUMOND, 1996; ALMEIDA; SOUZA, 1997; CARVALHO, 1997; FONTES, 1997; PEDRALLI et al., 1997; MEIRA-NETO et al., 1998; CARVALHO et al., 2000; LOMBARDI; GONÇALVES, 2000; MEIRA NETO; MARTINS, 2000; WERNECK et al., 2000b; RODRIGUES, 2001; BOTREL et al., 2002; LOPES et al., 2002; CARVALHO, 2002; FERNANDES, 2003; MEIRA NETO et al., 2003; ROCHA, 2003; SAPORETTI JUNIOR et al., 2003b; SILVA et al., 2003; COSTA, 2004; GOMIDE, 2004; CARVALHO et al., 2005; OLIVEIRA-FILHO et al., 2005; PEREIRA et al., 2006; SOARES et al., 2006; REIS et al., 2007).
- Pará (ALMEIDA; VIEIRA, 2001; COELHO et al., 2003).
- Paraná (KLEIN, 1962; DOMBROWSKI; KUNIYOSHI, 1967; ROTTA, 1997; KLEIN et al., 1979; CARVALHO, 1980; LEITE et al., 1986; SILVA, 1990; BRITZ et al., 1992; SILVA et al., 1992; SILVA et al., 1995; SOUZA



Mapa 27. Locais identificados de ocorrência natural de guaçatunga-miúda (*Casearia decandra*), no Brasil.

et al., 1997; DIAS et al., 1998; LORENZI, 1998; SOARES-SILVA et al., 1998; SONDA, 1999; AMBIOTECH...2002; RONDON NETO et al., 2002; SANQUETTA et al., 2002; CALDEIRA, 2003; RONDON NETO, 2003; BARDDAL et al., 2004; BORGHI et al., 2004; HATSCHBACH et al., 2008; CERVI et al., 2007).

- Pernambuco (SLEUMER, 1989).
- Rio Grande do Norte (CESTARO; SOARES, 2004).
- Rio Grande do Sul (BAPTISTA; IRGANG, 1972; KNOB, 1978; MARTAU et al., 1981; AGUIAR et al., 1982; BRACK et al., 1985; JARENKOW, 1985; BENEDETTI et al., 1990; TABARELLI, 1992; JARENKOW, 1994; BALBUENO; ALENCASTRO, 1996; MARCHIORI, 1997a; NASCIMENTO et al., 2001; BACKES; IRGANG, 2002; JURINITZ; JARENKOW, 2003, DORNELES; WAECHTER, 2004; ANDREIS et al., 2008; SHERER et al., 2005; MARCHIORETTO et al., 2007; MOCHIUTTI et al., 2008; NARVAES et al., 2008; WIESBAUER et al., 2008).
- Estado do Rio de Janeiro (SÁ, 1996; PEREIRA et al., 2006).
- Roraima (SLEUMER, 1989).
- Santa Catarina (KLEIN, 1960; KLEIN; SLEUMER, 1984; FLEIG et al., 1996; NAU; SEVEGNANI, 1997; BELOTTI et al., 2002; FORMENTO et al., 2004).
- Estado de São Paulo (TORRES; YAMAMOTO, 1986; MATTHES et al., 1988; RODRIGUES et al., 1989; SILVA, 1989; ROBIM et al., 1990; GANDOLFI, 1991; COSTA; MANTOVANI, 1992; SALIS et al., 1994; DURIGAN; LEITÃO FILHO, 1995; TOLEDO FILHO et al., 1997; TORRES, 1997; CAVALCANTI, 1998; STRANGHETTI; RANGA, 1998; DURIGAN et al., 1999; IVANAUSKAS et al., 1999; AGUIAR et al., 2001; BERTANI et al., 2001; BERTONI et al., 2001; MARTINS et al., 2002; GOMES et al., 2005; ALCALÁ et al., 2006; OGATA; GOMES, 2006; CERQUEIRA et al., 2008; DURIGAN et al., 2008; MARTINS et al., 2008).

Aspectos Ecológicos

Grupo sucessional: a *guaçatunga-miúda* é uma espécie pioneira (TOLEDO FILHO et al., 1997) a secundária tardia (DIAS et al., 1998) ou clímax exigente em luz (MOCHIUTTI et al., 2008).

Importância sociológica: *Casearia decandra* é árvoreta característica do extrato médio do

sub-bosque dos pinhais, no Planalto Meridional do Sul do Brasil, onde se torna particularmente abundante.

É colonizadora, ocorrendo em clareiras com mais de 100 m² (COSTA; MANTOVANI, 1992; INOUE; PUTTON, 2007). Encontrada no Pará, em Floresta secundária com 70 anos de idade (ALMEIDA; VIEIRA, 2001). Num povoamento de *Araucaria angustifolia*, em Telêmaco Borba, PR, Speltz (1976) observou 1.225 indivíduos em regeneração natural.

Biomias (IBGE, 2004a) / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004b) e Outras Formações Vegetacionais

Bioma Mata Atlântica

- Floresta Estacional Decidual (Floresta Tropical Caducifólia), na formação das Terras Baixas, em Mato Grosso do Sul, no Rio Grande do Norte e no Rio Grande do Sul, e na formação Submontana, no Rio Grande do Sul, com frequência de até quatro indivíduos por hectare (DIAS et al., 1992; VASCONCELOS et al., 1992; DIAS et al., 1996).
- Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Tropical Subcaducifólia), nas formações Submontana e Montana, em Mato Grosso do Sul, em Minas Gerais, no Paraná, no Rio Grande do Sul (JURINITZ; JARENKOW, 2003) e no Estado de São Paulo (CERQUEIRA et al., 2008), com frequência de até 50 indivíduos adultos por hectare (GALVÃO et al., 1984; IVANAUSKAS et al., 1999; RODRIGUES, 2001; LOPES et al., 2002; MARTINS et al., 2002) ou 100 indivíduos com Circunferência à Altura do Peito (CAP) menor que 10 cm ou com altura maior que 20 cm (MEIRA NETO; MARTINS, 2003).
- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Atlântica) ou floresta, nas formações das Terras Baixas, Montana e Alto-Montana, na Bahia, no norte do Espírito Santo, em Minas Gerais, no Estado do Rio de Janeiro, e no Estado de São Paulo, com frequência de até 30 indivíduos por hectare (CARVALHO, 1997; GOMES, 2005).
- Floresta Ombrófila Mista (Floresta com presença de Araucária), na formação Montana, no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul (GALVÃO et al., 1987); com frequência de até 60 indivíduos por hectare, com Circunferência à Altura do Peito (CAP) maior ou igual a 30 cm (OLIVEIRA; ROTTA, 1992; FLEIG et al., 1996; FORMENTO et al., 2004; RODE, 2008).

Bioma Amazônia

- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Amazônica), de terra firme no Amapá e no Pará, com frequência de um indivíduo por hectare (ALMEIDA et al., 1995).

Bioma Cerrado

- Savana ou Cerrado stricto sensu, em Minas Gerais e no Estado de São Paulo.
- Savana Florestada ou Cerradão, no sudoeste de Minas Gerais e no Estado de São Paulo.

Outras Formações Vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário (mata ciliar), em Mato Grosso do Sul, em Minas Gerais, no Paraná, em Santa Catarina e no Estado de São Paulo, com frequência de até 59 árvores por hectare (SILVA et al., 1992; SOARES-SILVA et al., 1998).

Dos 43 levantamentos florísticos e fitossociológicos de floresta ciliar do Brasil extra-amazônico, Rodrigues e Nave (2001) encontraram essa espécie em 14 levantamentos, ou seja em 30,4% de trabalhos em que essa espécie foi amostrada.

- Área alagável, em Londrina, PR (BIANCHINI et al., 2003).
- Contato Floresta Estacional Semidecidual / Estepe Gramíneo-Lenhosa e Formações Pioneiras, no Rio Grande do Sul (MOCHIUTTI et al., 2008).
- Contato Floresta Estacional Semidecidual / Floresta Ombrófila Mista, no Planalto de Poços de Caldas, MG (NAPPO et al., 2000).
- Floresta de Brejo, no Estado de São Paulo (IVANAUSKAS et al., 1997).
- Floresta higrófila, no Paraná (HATSCHBACK et al., 2005).
- Floresta Psamófila, no Rio Grande do Sul (MARCHIORETTO et al., 2007).
- Floresta Turfosa, no Rio Grande do Sul (DORNELES; WAECHTER, 2004).
- Vegetação com Influência Marinha (Restinga), no Estado do Rio de Janeiro (SÁ, 1996), no Rio Grande do Sul, e no Estado de São Paulo (MARTINS et al., 2008), com frequência de até 25 indivíduos por hectare (SCHERER et al., 2005).

Fora do Brasil, ocorre na Argentina, na Selva Misionera (MARTINEZ-CROVETTO, 1963) e na Bolívia, no bosque amazônico e na savana florestada (KILLEEN et al., 1993).

Clima

Precipitação pluvial média anual: de 1.100 mm, em Mato Grosso do Sul e no Rio Grande do Sul, a 3.200 mm, no litoral do Estado de São Paulo.

Regime de precipitações: chuvas uniformemente distribuídas, no Sul do Brasil (exceto no norte do Paraná) e no sudoeste do Estado de São Paulo. Chuvas uniformes ou periódicas, na faixa costeira do sul da Bahia e chuvas periódicas, nos demais locais.

Deficiência hídrica: nula, no Sul do Brasil (exceto no norte do Paraná) e no sudoeste do Estado de São Paulo. Nula ou pequena, na faixa costeira da Bahia. Pequena, no inverno, no norte do Paraná e no extremo sul de Mato Grosso do Sul. De pequena a moderada, no inverno, no Distrito Federal, no sul de Minas Gerais e no centro e no leste do Estado de São Paulo. De pequena a moderada, em Roraima. Moderada, no inverno, no sudeste e no leste de Minas Gerais, no norte do Paraná e no oeste do Estado de São Paulo. De moderada a forte, no inverno, no oeste de Minas Gerais.

Temperatura média anual: 16,2 °C (Castro, PR) a 25 °C (Corumbá, MS).

Temperatura média do mês mais frio: 12,4 °C (Castro, PR) a 22,1 °C (Ilhéus, BA).

Temperatura média do mês mais quente: 19,7 °C (Bocaina de Minas, MG / Resende, RJ) a 27,2 °C (Corumbá, MS).

Temperatura mínima absoluta: -8,4 °C. Essas temperaturas foram obtidas em Castro, PR, em 6 de agosto de 1963 (BRASIL, 1992) e em Guarapuava, PR (EMBRAPA, 1986).

Geadas: são frequentes no inverno, no Planalto Sul-Brasileiro, a raras ou pouco frequentes, no litoral do Paraná e de Santa Catarina. O número médio varia de 0 a 13,4, com o máximo absoluto de 35 geadas, na região Sul. Há também a possibilidade de ocorrência de neve na região de ocorrência dessa espécie.

Classificação Climática de Köppen: **Af** (tropical, úmido ou superúmido), no sul da Bahia, no Estado do Rio de Janeiro e no litoral do Estado de São Paulo. **Am** (tropical, úmido ou subúmido), no Espírito Santo e no Pará. **As** (tropical, com verão seco), no Rio Grande do Norte. **Aw** (tropical, com inverno seco), no sudoeste de Mato Grosso do Sul, em Minas Gerais e no noroeste do Estado de São Paulo. **Cfa** (subtropical, com verão quente), no maciço do Itatiaia, em Minas Gerais e no Estado do Rio de Janeiro, no noroeste do Paraná, no

nordeste do Rio Grande do Sul e nos contrafortes ocidentais da serra da Mantiqueira, no Estado de São Paulo. **Cfb** (temperado, com verão ameno), em Bocaina de Minas e no Planalto de Poços de Caldas, MG, no Estado de São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina, e no Rio Grande do Sul. **Cwa** (subtropical, com inverno seco e verão quente), em Mato Grosso do Sul, no sudoeste de Minas Gerais e no Estado de São Paulo. **Cwb** (subtropical de altitude, com inverno seco e verão ameno), no centro-sul e no sudeste de Minas Gerais.

Solos

Casearia decandra ocorre, naturalmente, em solos muito úmidos de várzeas ou em solos compactos, onde não raro predomina (KLEIN; SLEUMER, 1984).

Tecnologia de Sementes

Colheita e beneficiamento: os frutos devem ser coletados quando passam da coloração verde para amarela, devendo ser beneficiados no mesmo dia da coleta, pois se deixados de um dia para outro, ficam pretos e começam a embolorar.

Número de sementes por quilo: 47 mil (LORENZI, 1998).

Tratamento pré-germinativo: não há necessidade.

Longevidade e armazenamento: não recomenda-se armazenamento das sementes dessa espécie (MARTINS et al., 2004).

Produção de Mudanças

Semeadura: recomenda-se semeadura direta em saco de polietileno de 20 cm de altura e 7 cm de diâmetro ou em tubete de polipropileno de 120 cm³.

Germinação: é epígea ou fanerocotiledonar. A emergência tem início de 20 a 30 dias após a semeadura. Geralmente, a germinação ocorre em cerca de 50%. As mudas atingem aproximadamente 20 cm de altura, 6 meses após a semeadura.

Propagação vegetativa: com estacas de guaçatunga-miúda obtidas de ramos do ano e de brotação basal, tratadas com ácido indol butírico (AIB) a 3.000 mg.kg⁻¹ – e com enraizante natural comercial (Enraizador Bioflora) – Inoue e Putton (2007) constataram uma taxa de enraizamento de 11,1% e 23,6%, respectivamente. Para a testemunha, desprovida de tratamento com regulador vegetal, eles conseguiram 20,8%.

Cuidados especiais: na produção de mudas em sacos de polietileno, recomenda-se adubação orgânica (25% do volume de solo) ou química (4 kg.m⁻³ de NPK formulado 4:14:8).

Na produção de mudas em tubetes de polipropileno, devem-se aplicar 100 g de adubo comercial de liberação lenta, para cada saco de 25 kg de substrato (MARTINS et al., 2004).

Características Silviculturais

A guaçatunga-miúda é uma espécie lucífera até esciófila (KLEIN; SLEUMER, 1984; INOUE; PUTTON, 2007).

Hábito: *Casearia decandra* tem forma tortuosa, sem dominância apical definida, com ramificação pesada, bifurcações e com multitruncos. Apresenta, também, derrama natural fraca, devendo sofrer podas frequentes de condução e dos galhos. Essa espécie rebrota da touça, com a formação de vários brotos.

Sistemas de plantio: a guaçatunga-miúda desenvolve-se melhor em plantios sob cobertura ou em plantios mistos.

Crescimento e Produção

Existem poucas informações sobre o crescimento da guaçatunga-miúda em plantios. No entanto, seu crescimento é lento (Tabela 15).

Características da Madeira

Massa específica aparente (densidade): a madeira da guaçatunga-miúda é moderadamente densa (0,56 g.cm⁻³ a 0,70 g.cm⁻³ (LORENZI, 1998; WOODCOCK, 2000).

Cor: o alburno e o cerne não são diferenciados, e apresentam coloração castanho-clara.

Características gerais: a textura é fina; e grã direita.

Outras características: a madeira da guaçatunga-miúda é de baixa resistência e, quando exposta a intempéries, é muito suscetível ao apodrecimento.

Produtos e Utilizações

Alimentação animal: a análise bromatológica dessa espécie apresentou 16,77% a 17,26 % de proteína bruta e 8,31% a 16,63% de tanino (LEME et al., 1994).

Aproveitamento alimentar: os frutos dessa

Tabela 15. Crescimento de *Casearia decandra*, em plantios mistos, no Paraná.

Local	Idade (anos)	Espaçamento (m x m)	Plantas vivas (%)	Altura média (m)	DAP médio (cm)	Classe de solo (a)
Rolândia ⁽¹⁾	8	5 x 5	100,0	5,10	5,3	LVdf
Santa Helena (b) ⁽²⁾	4	4 x 2	97,2	3,41	2,2	LVef
Santa Helena (c) ⁽²⁾	4	4 x 2	100,0	3,22	2,3	LVef

(a)LVdf = Latossolo Vermelho distroférrico; LVef = Latossolo Vermelho eutroférrico.

(b) Abertura de faixas em povoamentos densos espontâneos de *Leucaena leucocephala* e plantio em linhas na direção Leste-Oeste.

(c) Abertura de faixas em povoamentos densos espontâneos de *Leucaena leucocephala* e plantio em linhas na direção Norte-Sul.

Fonte: ⁽¹⁾Embrapa Florestas / Fazenda Bimini.

⁽²⁾Zelazowski e Lopes (1993).

espécie são comestíveis (KLEIN; SLEUMER, 1984).

Apícola: as flores de *Casearia decandra* apresentam potencial apícola, fornecendo pólen que proporciona mel de excelente qualidade (KLEIN; SLEUMER, 1984). Segundo Backes e Irgang (2002), a guaçatunga-miúda é uma das poucas espécies arbóreas melíferas de inverno, principalmente na região do Planalto Meridional Sul-Brasileiro.

Celulose e papel: *Casearia decandra* é uma espécie inadequada para esse fim.

Energia: a madeira dessa espécie é usada também para lenha e carvão (LORENZI, 1998).

Madeira serrada e roliça: na região metropolitana de Curitiba, PR, a madeira da guaçatunga-miúda é usada na confecção de cabos de ferramentas ou de utensílios domésticos (BAGGIO; CARPANEZZI, 1998).

Medicinal: no Paraná e em Santa Catarina, os índios de várias etnias usavam a casca do caule dessa espécie no tratamento de problemas do estômago, dores em geral, reumatismo, afta (sapinho) e feridas (MARQUESINI, 1995). Em uso externo, as folhas dessa espécie têm propriedades anti-sépticas (GAVILANES; BRANDÃO, 1998). A maceração da casca em álcool é aplicada topicamente em mordeduras de cobras e em picadas de insetos (BACKES; IRGANG, 2002).

Paisagístico: por apresentar pequeno porte e por ter crescimento rápido, a guaçatunga-miúda é apropriada para arborização urbana (LORENZI, 1998).

Plantios com finalidade ambiental: *Casearia decandra* é uma espécie muito importante na recuperação de ecossistemas degradados e na restauração de ambientes fluviais ou ripários

(MARQUES, 2009). Essa espécie foi encontrada via regeneração natural, em Ouro Preto, MG (FARIAS et al., 1993).

Espécies Afins

Casearia Jacq. é um dos maiores gêneros da família Salicaceae (ex Flacourtiaceae), com aproximadamente 180 espécies distribuídas na região neotropical, África, Malásia, Austrália e ilhas do Pacífico.

Nas regiões tropical e subtropical das Américas, encontra-se a maior diversidade desse gênero, com cerca de 75 espécies, agrupadas em 6 seções.

Só a seção *Casearia* – com aproximadamente 62 espécies – está também representada em outras áreas tropicais do mundo (SLEUMER, 1980). Destas, cerca de 10 espécies ocorrem no Brasil.

Casearia decandra distingue-se das demais espécies de *Casearia*, principalmente pela ramificação racemosa, hábito, decidualidade das folhas, consistência membranácea e cor (KLEIN; SLEUMER, 1984).

Algumas vezes é difícil distinguir *C. decandra* de *C. sylvestris* (TORRES; YAMAMOTO, 1986). Contudo, em material botânico fértil, ambas apresentam a seguinte distinção:

- *Casearia decandra* apresenta botões florais elipsoides, flores com sépalas lanceoladas, pedicelos maiores, medindo de 6 mm a 8 mm de comprimento e sementes com testa lisa.
- *Casearia sylvestris* tem botões florais arredondados, flores com sépalas oblongas, pedicelos em geral menores, medindo de 2 cm a 6 cm de comprimento e sementes com testa foveolada.

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui